



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Natália Huf

Quanto tempo o tempo tem

RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pelo Prof.º Fernando Crócomo
no segundo semestre de 2017
Orientador: Prof.º Mauro César Silveira

Florianópolis
Novembro de 2017

Natália Huf

Quanto tempo o tempo tem

Relatório final de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a aprovação na disciplina Projetos Experimentais ministrada pelo **Prof. Dr. Fernando Antônio Crócomo**, no segundo semestre de 2017.

Orientador: Mauro César Silveira

Florianópolis
Novembro de 2017

AGRADECIMENTOS

A meus pais, que me apoiaram nessa ideia maluca de querer ser jornalista, e meu irmão Alessandro, que, coitado, pensava “minha irmã vai ficar rica *jornalizando*”.

Aos amigos que leram e releeram esses ensaios, que receberam um turbilhão de mensagens nos momentos em que tudo parecia dar errado e também naqueles em que parecia que nada ia dar certo. Foram longos meses. Amanda (as duas!), Bruna, Fernanda, Giulia, João, Luiz e Paula, obrigada pela paciência e por terem ficado do meu lado.

Aos professores que tanto ensinaram, em sala de aula ou fora dela. Cárlida, Zeca, Crócomo, Fred, Daisi e, em especial, meu orientador Mauro, que sempre nos dizia: “Antes de tudo, sou jornalista”. Suas aulas faziam crescer a vontade de fazer jornalismo, respirar jornalismo, *ser jornalista*. Se depois disso tudo me derem um diploma, boa parte da culpa é sua.

Carrego em mim um pouquinho de cada um de vocês. Obrigada, de coração.

SUMÁRIO

RESUMO	10
APRESENTAÇÃO DO TEMA	11
JUSTIFICATIVA DO TEMA E DA MÍDIA	14
3.1 Por que falar do tempo?	14
3.2 Por que ensaio jornalístico?	15
PROCESSO DE PRODUÇÃO	17
4.1 Pré-produção	17
4.2 Apuração	18
4.3 Fontes	19
4.4 Produção	22
4.5 Edição e diagramação	23
RECURSOS	25
5.1 Equipamentos que já possuía antes da produção do trabalho	25
5.2 Totalidade dos equipamentos utilizados para a produção do trabalho	25
5.3 Valor total do trabalho	26
DIFICULDADES E APRENDIZADOS	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	31

1. RESUMO

A inserção da tecnologia, a velocidade da comunicação e a rapidez de circulação de informações alteram o ritmo do cotidiano do ser humano. Isso altera também a percepção da passagem do tempo: as 24 horas de um dia não são mais suficientes para todas as atividades e demandas que precisam ser cumpridas. Este Trabalho de Conclusão de Curso é um ensaio jornalístico, dividido em três partes, que pretende debater e analisar como se dá essa percepção do tempo em relação à velocidade do cotidiano. O primeiro texto, intitulado “Tempo”, busca traçar um panorama de como a sociedade chegou a este ritmo frenético; o segundo, “Pressa”, discute o que é viver nessas circunstâncias; e o terceiro, “Calma”, aborda as maneiras de desacelerar, desde a prática da meditação até os movimentos *slow*.

Palavras-chave: Ensaio jornalístico; percepção do tempo; pós-modernidade.

2. APRESENTAÇÃO DO TEMA

“De fato, a modernidade é, talvez mais do que qualquer outra coisa, a *história do tempo*: a modernidade é o tempo em que o tempo tem uma história” (Bauman, 2001, p.128). O tempo, parte dinâmica e maleável do conjunto espaço-tempo, e torna-se “um fator de disrupção” (Bauman, 2001, p.130). Tão maleável e manipulável que pode ser percebido de maneiras diferentes. Os primeiros registros da marcação da passagem do tempo datam da antiguidade, quando os povos utilizavam o Sol como marco. Através da sombra de elementos da natureza, como rochas, as civilizações antigas conseguiam demarcar a passagem do tempo. O conceito de tempo como hoje o conhecemos, medido em horas, minutos e segundos, foi uniformizado a partir do surgimento dos trens, com a criação da linha que ligava as cidades inglesas de Liverpool e Manchester. As viagens tinham horário marcado e, com a falta de unificação, aconteciam muitos acidentes, pois cada localidade marcava uma hora diferente, guiando-se pelo sol. A necessidade da *pontualidade* obrigou a sociedade moderna, pós-revolução industrial, a cronometrar-se: o tempo precisava ser marcado igualmente em todos os lugares, criando a imposição do relógio. Na época, houve manifestações contrárias — um jornal de Edimburgo publicou uma nota que dizia “*Ingleses, que nosso grito de guerra seja: ou os trens, ou o sol!*”. Mas, em 1880, o sistema ferroviário se unificou com o horário de Londres.¹

A questão do tempo já foi abordada pela Filosofia e pela Arte inúmeras vezes e, desde a Antiguidade, é tema de discussão. No diálogo *Timeu*, Platão diz que o tempo é “a imagem móvel da eternidade”; o pensador medieval Santo Agostinho classifica-o como algo que não se pode apreender ou compreender; e filósofos da pós-modernidade, como Bauman, o entendem como “líquido” (aqui, a liquidez toma o sentido de fugidio, incerto, instável). Em 1937, o artista plástico catalão Salvador Dalí representou o tempo em seus relógios derretidos. Para Spode (2012, p.4), o pintor via os relógios como “instrumentos normalizadores e exatos que traduziam de forma objetiva a passagem do tempo”. Ao dotá-los de formas orgânicas, recorda e representa

¹ Informações retiradas da reportagem *El tiempo se nos va de las manos*, publicada pelo caderno *Ideas* do jornal El País no dia 07 de maio de 2017. Disponível em http://elpais.com/elpais/2017/05/05/ciencia/1493985563_657372.html. Acesso em 08 de maio de 2017.

“a dimensão fugidia do tempo”, além do “sentido da ambiguidade que a evolução temporal introduz pelo cruzamento da percepção da realidade com a causalidade e inexplicabilidade da memória” (SPODE, 2012, p.4).

O surgimento de tecnologias de comunicação e de transporte — trens, automóveis, aviões, telefone, rádio — faz com que o tempo seja “comprimido”, e insere o conceito da simultaneidade, descrito por Einstein em sua teoria da relatividade restrita, em 1905. Foi também a partir da modernidade que “o tempo passou a ser uma preocupação permanente” (SPODE, 2012, p.5), devido ao sistema capitalista e industrial, fortemente vinculados ao trabalho. O tempo livre das pessoas obedece seu ritmo de trabalho; o tempo de trabalho obedece regras de produção; as regras de produção seguem um modelo globalizado. Segundo Spode (2012, p.5), “o tempo real é alucinante, rápido e fluído, e sua influência na sociedade é assim percebida. A sociedade atual é frenética, escravizada pelo relógio, sufocada pela rotina e pelos compromissos aos quais estamos submetidos”.

Se os nossos avós padeciam do tédio de dias sempre iguais, nós padecemos de vertigem por instantes sempre diversos, dilatados, acelerados e excessivos, nos quais se orientam somente aqueles que, dotados de sabedoria, sabem viver com estilo, submetendo e sincronizando os ritmos frenéticos do mundo aos próprios biorritmos (DE MASI, 2000, p. 200).

Segundo o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001, p.65), nossa sociedade se transformou em uma sociedade de consumidores, vivendo um capitalismo “leve”, em que tudo é descartável e nada é feito para durar. Essa validade atinge não apenas os objetos de consumo, mas as relações humanas, relações de trabalho e até mesmo a própria identidade, a tecnologia da informação e da comunicação transforma os laços humanos em *networks*, permitindo a facilidade de conectar-se e desconectar-se dos outros (Bauman, 2004). Essa fragilidade é resultado de um processo que Bauman chama de “modernidade líquida” — o tempo, as relações e o mundo são mais do que frágeis: são fugidios, rápidos, instáveis. As relações são marcadas pela incerteza e instabilidade, e a própria vida se torna um “empreendimento individual”, em que o homem busca o tempo todo satisfazer seus desejos e encontrar uma identidade na qual se firmar. Essa busca é

continua num mundo onde tudo é mercadoria: na modernidade líquida, os referenciais — família, comunidade, tradição, religião, ideologia política, entre outros que formam a identidade — são desconstruídos continuamente, e a sociedade é cada vez mais seletiva, e, inserido nesse contexto, o homem moderno vive num mundo frenético, caótico, em que tudo acontece rápido demais.

3. JUSTIFICATIVA DO TEMA E DA MÍDIA

3.1 Por que falar do tempo?

A escolha do tema aconteceu após a leitura de uma reportagem-ensaio da revista *Nautilus* intitulada “Why your brain hates slowpokes”², que trata da impaciência que sentimos quando alguém anda muito devagar na nossa frente. Com a leitura do texto, comecei a pensar numa variedade de momentos que causam essa mesma impaciência — o tempo que leva para um computador ligar, os minutos intermináveis ouvindo a música no telefone enquanto a ligação não é atendida — e como esse tempo passa de maneiras diferentes para cada pessoa, como cada um percebe esse tempo de uma forma. O que é muito rápido para um senhor idoso pode levar uma eternidade para uma criança de dois anos, por exemplo. Mas, além disso, uma das maiores razões para a escolha da temática da percepção do tempo é o fato de ser um assunto sobre o qual não tenho domínio algum. A elaboração da temática surgiu quase que “do nada”, e todo o aprendizado adquirido com as leituras, durante o período de pré-apuração, na apuração em si e também enquanto escrevia o texto traz algo novo o tempo todo. Segundo Olinto,

Para extrair, no entanto, dos fatos de que toma profissionalmente conhecimento, o mundo inesperado de emoção de que precisa a obra de arte, jornalística ou não, o repórter tem de manter em si a capacidade de espanto que origina o poema ou artigo, o conto ou relato. É a virgindade mental de quem contempla o mais conhecido dos espetáculos — como os de sofrer ou amar, sorrir ou lutar — com uma receptividade tão humana que saiba, depois, transformá-los em linguagem, em palavras de uso diário (OLINTO, 2009, p.37)

Acredito que a reportagem impressa é o formato que melhor permitiria alcançar os objetivos desejados quando pensei no trabalho final, especialmente pelos relatos serem sobre experiências e sentimentos, de teor muito subjetivo. Por isso, a grande reportagem, que por si só

² Texto publicado no dia 05 de março de 2015. Disponível em <http://nautil.us/issue/22/slow/why-your-brain-hates-slowpokes>. Acesso em janeiro de 2017.

compreende um texto longo e mais aprofundado (KOTSCHO, 1989, p.71), foi escolhida tanto pelo formato como pela metodologia. Ainda segundo Kotscho,

A única maneira de diminuir os riscos é se calçar bem, antes: ler no arquivo do jornal tudo o que já se publicou sobre o tema, não só para se informar sobre ele, mas para não repetir uma história já contada. Depois, é montar com muita calma um roteiro. Saber direito quem você deve procurar em cada ponto desse roteiro, quais são os personagens, situações e lugares mais ricos — o que vier a mais, de imprevisto, é lucro (KOTSCHO, p.72, 1989).

3.2 Por que ensaio jornalístico?

Nos Estados Unidos, o ensaio (*essay*) possui cinco significados: texto de reflexão e espírito livre; texto de corte acadêmico que se propõe a análise de um tema específico; texto de crítica literária; texto editorial de revistas semanais; e redação escolar (FISCHER, 2009, p. 61). Para o TCC, decidi trabalhar com a primeira acepção, que é também o sentido mais original da palavra “ensaio” na literatura, quando ele surgiu no século XVI, com a obra de Montaigne. Aliás, o ensaio é, majoritariamente, um gênero literário, mas, até parece que o jornalismo e a literatura nunca flertaram antes.

A escolha deste gênero foi uma sugestão de meu orientador e, por ser um gênero textual “problematizador, antidogmático e nele deve se sobressair o espírito crítico do autor e a originalidade” (MEDEIROS, 2008, p. 112), acredito que foi a melhor opção para a maneira como eu gostaria de trabalhar a temática escolhida. O ensaio é um estilo textual pouco trabalhado no curso de Jornalismo e, por mais que (e exatamente por) eu nunca tivesse escrito um ensaio antes, decidi aproveitar a oportunidade do TCC — a disciplina, afinal, é chamada “Projetos Experimentais” por uma razão — para explorar esse gênero. Segundo Santos e Freire (2011, p.1), o ensaio é um texto dissertativo e, “enquanto texto essencialmente argumentativo, o valor da argumentação assume papel decisivo na estruturação”.

Além da profundidade de análise e da complexidade da estrutura dissertativa, outro fator que se deve levar em conta é o próprio tema a ser tratado no ensaio, o qual vai desde a impressão causada no escritor por

sua própria personalidade ou pela de outrem, até a apreciação ou o julgamento de diferentes realizações humanas. (SANTOS, FREIRE, p.1, 2011).

Para me inspirar um pouco antes de escrever, li um Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Jornalismo em 2011. A então graduanda Fernanda Volkerling de Oliveira escreveu o ensaio *Hilda Hilst: até a última letra*, sob orientação da professora Aglair Bernardo. A leitura foi uma sugestão do orientador e, embora a proposta da Fernanda fosse diferente, com um estilo mais literário, conhecer o trabalho dela ajudou a iluminar um pouco o meu.

4. PROCESSO DE PRODUÇÃO

4.1 Pré-produção

Até o final de 2016, eu tinha uma ideia de projeto de TCC completamente diferente. Era uma reportagem sobre celibato que não tive tempo de fazer na disciplina de Redação VI, ministrada pelo professor Mauro César Silveira no primeiro semestre de 2015. Desde o encerramento da disciplina eu vinha com essa ideia, e já estava até acertada com o Mauro para que ele fosse meu orientador. Mas, no início deste ano, ainda nas férias, surgiu o tema que acabou sendo mesmo o tema do trabalho de conclusão de curso. Tive que mudar tudo na minha cabeça, conversar com o orientador, buscar leituras novas e começar do zero, deixando de lado uma temática que eu vinha organizando mentalmente há mais de um ano e meio. Ainda bem que falamos sobre isso ainda nas férias, pois pude usar o primeiro semestre de 2017, enquanto cursava a disciplina de Técnicas de Projetos com a professora Gislene Silva, para coletar informações, bibliografia e tentar entender melhor a minha nova pauta. Eu tinha uma ideia, mas estava muito difícil expressá-la de maneira clara e concisa: ninguém entendia direito, e eu precisava de cinco minutos para explicar o que e como queria fazer.

Como já dito neste relatório, a escolha do tema surgiu meio de repente, e era algo sobre o que eu não sabia absolutamente nada. Não parecia uma boa ideia, escolher falar, logo no TCC, de algo tão abstrato para mim. Aí lembrei de reportagens que fiz durante o curso e concluí que, sim, era uma ótima ideia: as melhores matérias que escrevi foram aquelas que me obrigaram a aprender tudo sobre algo que eu nem conhecia. Passei muito tempo balançando entre fazer um livro reportagem ou uma grande reportagem, e acabei não fazendo nem um, nem outro. Em conversas com o orientador, surgiu a ideia do ensaio: assim, eu poderia fazer minhas fontes e personagens dialogarem com a bibliografia que eu estava lendo, tentar fazer um texto mais autoral. Mais uma vez: que boa ideia escrever, logo no TCC, um tipo de texto que nunca escrevi antes! Isso não parece nenhum pouco arriscado! E aí, mais uma vez, lembrei que os textos mais legais que escrevi durante a graduação foram aqueles em que me permiti experimentar, ser mais criativa, fazer diferente da fórmula de notícia que aprendemos desde o primeiro semestre. Na

verdade, era sim uma ótima ideia. (Se deu certo, aí já não sei dizer. Mas foi uma boa experiência, com certeza.)

O período de pré-apuração coincidiu com a época mais agitada do meu estágio, e isso atrasou todo o meu cronograma, que previa as entrevistas todas prontas até o final de julho, para que eu pudesse me dedicar exclusivamente ao texto durante o segundo semestre deste ano. Em julho, ainda estava correndo atrás de bibliografia, buscando autores que pudessem me dar base para falar sobre o tempo, o contemporâneo e as angústias da pós-modernidade. Demorei muito para encontrar essa bibliografia e para conseguir fazer conexões entre elas, e, até eu entender que, para esse tema, eu poderia me valer de poesia, teoria da literatura, ficção, crônicas e outros textos que estão presentes na bibliografia do relatório, foram alguns meses de desespero. Mas, depois de ficar claro para mim que eu não teria que me basear apenas em textos acadêmicos, ficou muito mais fácil encontrar coisas para ler.

Só não era fácil entender direito a minha própria pauta.

4.2 Apuração

Com o cronograma atrasadíssimo, comecei a apuração no segundo semestre de 2017. O contato com as fontes estava complicado: não encontrava pessoas com quem conversar e, quando encontrava, elas não me respondiam. E isso só sobre as fontes especialistas. Encontrar personagens estava ainda pior, em especial por culpa minha, que decidi querer ser jornalista sendo a pessoa mais tímida do mundo e tendo vergonha de abordar as pessoas na rua. Aliás, é preciso uma coragem absurda pra ser inconveniente e conseguir uma entrevista, afinal, meus personagens poderiam ser literalmente qualquer pessoa. A maioria das entrevistas foram realizadas pessoalmente, em Florianópolis e Curitiba, e algumas foram feitas por e-mail, WhatsApp e Twitter.

Enquanto reunia entrevistas, continuei em busca de bibliografia (inclusive algumas foram até mesmo indicações de meus entrevistados), e passei também a ler mais ensaios para tentar me inspirar a começar a escrever esse tipo de texto totalmente novo para mim.

4.3 Fontes

No pré-projeto, estavam previstas em torno de 30 fontes especialistas (algumas eram o plano A, e outras, o plano B para caso a primeira não tivesse disponibilidade; os personagens ficaram de fora, pois eu ainda não os tinha encontrado). Uma das coisas que mais gostei no trabalho foi a multiplicidade de fontes que pude entrevistar: entre os especialistas, conversei com pessoas do Design, da Moda, da Arquitetura, Psicologia... No fim das contas, foram feitas 11 entrevistas, entre especialistas e personagens, que estão listadas abaixo.

- **Andrea Zanella:** professora do Departamento de Psicologia da UFSC, foi a sexta entrevista que fiz, mas deveria ter sido a primeira. Depois de conversar com a professora sobre o tempo psicológico e a percepção que cada pessoa tem dele, ficou muito mais claro para mim sobre o que e como eu deveria escrever. Já tinha começado a primeira parte do ensaio quando pude entrevistá-la, e foi uma entrevista curta, feita meio na pressa numa manhã de sexta-feira, mas foi uma das mais esclarecedoras.
- **Andressa Leite:** num ato de desespero, decidi perguntar em meu Twitter se alguém conhecia uma psicóloga que pudesse conversar comigo, visto que não estava conseguindo contato com as fontes que eu tinha. Uma conhecida minha retuitou e, em poucos minutos, recebi uma mensagem direta da Andressa. Conversei com ela pelo Twitter mesmo, e foi uma ótima entrevista, ela foi muito solícita e contribuiu bastante com o trabalho.
- **Camila Garcia:** quando decidi abordar meditação, no terceiro ensaio, lembrei de já ter conversado sobre isso com a Camila, no Twitter (quem diria que essa rede social ia acabar ajudando no TCC!). Quando perguntei para ela se ela conhecia alguém que já praticava há algum tempo, ela me respondeu apenas “Eu!”, e topou dar a entrevista, que foi feita via WhatsApp. Isso é o mais legal de colegas jornalistas: esses, sim, entendem o que é estar realmente precisando de uma fonte. Além de conversar comigo, ela ainda me indicou uma amiga dela que eu poderia entrevistar. Foi ótimo.

- **Deise Leonel:** sócia-proprietária do restaurante *slow food* Verd&Co, em Curitiba. Eu já tinha uma viagem marcada para visitar uma amiga que, sabendo do meu TCC, me levou para almoçar nesse restaurante, no *coworking* em que ela trabalha. A entrevista com a Deise foi um pouco de surpresa, fomos almoçar sem saber se eu poderia conversar com alguém lá, mas, como ela estava e tinha tempo, pude entrevistá-la para saber mais do conceito por trás do restaurante.
- **Fernanda Iervolino:** professora do Departamento de Expressão Gráfica da UFSC, na área de modelagem. Decidi conversar com ela depois de entrevistar a professora Mayara (citada mais abaixo), pois elas dividem a sala. Foi uma entrevista bem interessante, conversamos bastante sobre moda e a produção da moda, ciclo de consumo e *slow fashion*, mas, como eu já tinha uma opinião “formada” sobre o assunto, foi um pouco estranho falar com alguém que tinha uma visão completamente diferente da minha, em relação aos movimentos *slow*, Do It Yourself, consumo consciente, etc. Porém, acho que boa parte do jornalismo é isso mesmo: escutar pessoas que pensam diferente e saber ouvir o que elas têm a acrescentar, mesmo que não seja exatamente aquilo que eu penso.
- **Lorena Kreuger:** a Lorena foi uma sugestão da professora Mayara (citada mais abaixo). Lorena mora em Itajaí e, em 2016, decidiu sair da direção do Estaleiro Kalmar, dedicando-se ao *food truck* que abriu com o marido e à maternidade. Conversei com ela por e-mail, e foi muito legal pois era exatamente o tipo de história que eu estava procurando para ilustrar o ensaio.
- **Lucimar (Luci) Franceschini:** conversei com a Luci por indicação da Camila. Luci pratica a meditação há mais de trinta anos, faz retiros espirituais com frequência e também votos de silêncio. Falamos por WhatsApp e ela me contou um pouco sobre suas experiências com meditação.

- **Marco Aurélio Kneipp:** professor do Departamento de Física da UFSC, foi uma entrevista bem legal de fazer pois, para o abre, eu queria falar um pouco de tempo no conceito mais “exato” e menos “humano”. Além de me explicar esses conceitos, já que eu não lembrava de muita coisa do Ensino Médio, o professor Marco Aurélio me deu também a visão dele sobre a percepção do tempo, e foi uma conversa muito bacana e esclarecedora, visto que foi a primeira entrevista que fiz para o TCC. Nome e citações dele acabaram não entrando no texto final, mas ele contribuiu muito para que eu entendesse um pouco mais o tempo.
- **Mariana Abuhamad:** depois que postei no Twitter (aquele mesmo tuíte que me levou até a Andressa), uma amiga me indicou a Mariana, que é neuropsicóloga e atende em Curitiba. Como eu estava aqui em Florianópolis, a entrevista foi feita por WhatsApp, com muitos áudios queridíssimos da Mariana, que foi muito solícita e tirou muitas das dúvidas que eu tinha.
- **Mayara Atherino:** não sei se posso falar isso, mas foi, dentre os e as especialistas, minha entrevista preferida. A Mayara pesquisa comportamento do consumidor e é professora do Departamento de Expressão Gráfica. Foi muito legal conversar com ela pois, além de falarmos sobre consumo, imediatismo e publicidade, ela me deu várias referências interessantes e da “cultura pop”.
- **Paulo Rizzo:** a entrevista com o professor Paulo foi muito boa, uma das primeiras que fiz e que abriu bastante os horizontes que eu estava pensando em explorar com o trabalho. Como ele é professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, pudemos falar do tempo de uma maneira bem diferente, mais conectado com o espaço, as mudanças espaciais e como esses aspectos afetam a percepção do tempo.

4.4 Produção

Mais uma vez, estava atrasada no cronograma, então, para tentar voltar a segui-lo, precisei começar a escrever o texto antes de terminar a apuração. Mas como começar a escrever sem material? Foi aí que tive um estalo: “Opa, eu tenho *muito* material!”, afinal, eu estava escrevendo um ensaio! E já tinha lido muita coisa! Decidi que era hora de sentar a bunda na cadeira e colocar a mão na massa. Foi absurdamente pior do que eu imaginava que seria.

Eu achava que finalmente tinha entendido a pauta e que sabia o que estava fazendo. Que ilusão. A felicidade por perceber que poderia, sim, escrever alguma coisa, foi substituída por uma sensação de “eu não faço a menor ideia do que estou fazendo da minha vida”. Mas, como é de praxe, a pressão faz a gente trabalhar, e o primeiro dos três textos acabou saindo numa sexta-feira de chuva, em que eu matava aula da única disciplina presencial em que estava matriculada (é perdoável matar aula pra fazer TCC? Espero que sim). Comecei escrevendo do jeito torto que sempre faço: algumas frases soltas, uma coisa que pode vir a ser o abre, uma ideia para o final. E o texto foi se costurando quase que sozinho, as entrevistas iam se colocando junto às referências aos autores que me serviram de bibliografia. De qualquer forma, o primeiro texto ficou pronto no prazo previsto pelo cronograma, e pude enviar para o orientador e fazer as correções necessárias. A urgência de terminar a primeira das três partes e de voltar para o cronograma foi muito importante para me fazer compreender bem o meu texto e ver para onde eu estava indo com esse Trabalho de Conclusão de Curso.

Usei o relatório como uma desculpa para fugir dos outros dois textos. Depois de terminar o primeiro, o ideal seria, logicamente, escrever o segundo. Porém, a segunda parte foi a que se mostrou mais difícil, e decidi pular direto para a terceira. Já tinha um ou dois parágrafos de cada uma delas, mas foi muito mais rápido e intuitivo escrever a parte três. No dia seguinte ao que voltei de Salvador, depois de uma semana ignorando a existência do TCC e fingindo que estava tudo sob controle, acordei muito inspirada e os dois mil caracteres se transformaram em oito, e isso foi muito importante para me animar a continuar. Toda vez que percebia que estava rendendo, que o TCC estava, finalmente, nascendo, era como se tomasse uma injeção de ânimo para prosseguir. Se poucos dias antes eu estava cogitando recorrer ao conceito I, trancar o curso e

viver de arte na praia, agora eu via que não seria necessário. Aliás, foi nesse dia que percebi que, se eu quisesse e tivesse me dedicado com força desde o início do semestre, poderia ter terminado o TCC em outubro. Mas segue o baile.

O segundo texto começou a tomar forma de verdade depois das entrevistas com a neuropsicóloga Mariana Abuhamad e a psicóloga Andressa Leite. Com o terceiro texto já bem encaminhado, consegui separar melhor o que entraria na segunda parte, e ficou mais fácil visualizar o que eu queria com esse ensaio, de onde partir e para onde ir. Mas estavam me faltando personagens: já tinha muitas citações e referências bibliográficas, o que é ótimo para o ensaio, mas eu não podia me desviar da parte jornalística. Então, saí em busca de pessoas com boas histórias e que estivessem dispostas a conversar comigo. Quando consegui essas entrevistas, senti que tinha o que precisava, e pude finalmente finalizar os textos, respirar fundo e dizer “acabou”.

4.5 Edição e diagramação

Poucos dias depois de terminar o primeiro texto, decidi que era hora de começar a pensar na diagramação, pois já tinha uma ideia de quantidade de caracteres e de como seria o estilo do texto que eu estava escrevendo. Uma das primeiras dificuldades que se apresentou quando comecei a trabalhar na apresentação visual do texto foi: como é um ensaio? É mais parecido com um livro, com blocos de texto maiores, ou é mais revistado, com colunas e mais espaço em branco? Muitas perguntas, poucas respostas.

Sempre gostei muito de diagramação, é mais uma diversão para mim do que uma obrigação, então fiquei um bom tempo em cima disso, fiz várias versões do projeto no InDesign e mudei de ideia, com o perdão à hipérbole, um bilhão de vezes no mesmo dia. Ia dormir satisfeita, e já acordava com ideias novas. Comecei diagramando num formato tradicional A4, mas logo me peguei pensando que o ensaio é um texto diferente, e deveria ser apresentado de um jeito diferente — mas como? Tentei um A5, achei muito pequeno. Então surgiu a ideia que começou a me agradar: fiz uma nova versão num formato 20cm x 20cm, que não seria tão grande, nem tão pequeno e, embora não tão usual, não seria difícil para conseguir imprimir nas gráficas ao redor da UFSC. Porém, conversando com o professor Ildo Golfetto, pensamos que

20cm x 20cm seria “quadrado demais”. Então, mudei para 20cm x 24cm, para, nas palavras do professor, ficar “mais charmosinho”. Ficou mesmo. O único problema é que, quando fui diagramar o arquivo “TCC_AGORA_VAI_ESSE_FINAL”, comecei sem querer a fazer no que era 20x20cm, e só me dei conta quando já tinha terminado. Aí, bom, estava bem bonitinho, e acabei gostando do quadrado.

Escolhi Playfair Display para ser a tipografia do texto, por ser uma fonte serifada e que, mesmo em corpo 12 e com espaçamento 14,4, possui uma letra grande e permite fácil legibilidade. Ela foi também utilizada no título, para conferir unidade. Para os títulos de cada parte, optei pela fonte fantasia Hensa, que acredito combinar com os fundos aquarelados que utilizei nas páginas de abre de cada uma das partes. A outra tipografia utilizada é a Simplifica, fonte sem serifa que aparece na capa (no meu nome) e na página de abertura de cada texto, indicando “Parte I”, “Parte II” e “Parte III”. Essa família foi escolhida para contrastar com a fonte serifada e por aparecer em títulos curtos.

Acabei optando por diagramar em blocos de texto maiores e corridos, como um livro. Tentei versões com colunagem, mas, como não queria usar recursos de edição como olho e citações, achei melhor a versão “livro” do que a versão “revista”, e tentei deixar as páginas menos pesadas com as ilustrações (sobre as quais falo mais abaixo). Também acho que a versão de blocos de texto corridos combina mais com o formato 20x20cm que escolhi.

Como já previsto no pré-projeto, as ilustrações seriam grafismos, e não fotografias. Aproveitei que, depois de muitos semestres, finalmente consegui uma vaga na disciplina Aquarela I, no Design, ministrada pelo professor Mário Coelho, e decidi tentar fazer eu mesma, afinal, não seriam muitas imagens. Escolhi a aquarela por ser um tipo de ilustração mais leve e abstrata do que o desenho a lápis ou o desenho vetorial e, a princípio, ia usar essas ilustrações como trabalho final da disciplina, mas acabei mudando de tema e elas serviram apenas para o TCC mesmo.

5. RECURSOS

Como já previsto no pré-projeto, a produção deste trabalho não acarretou em grandes custos, pois eu já possuía os equipamentos necessários — meu computador para escrever e diagramar, e meu celular para gravar as entrevistas. Não precisei investir nisso, e consegui acessar toda a bibliografia necessária pela internet e na Biblioteca Universitária. Citar os gastos com as viagens me parece errado: eu já iria para Curitiba de qualquer forma, então, não fui para a produção do TCC, mas decidi aproveitar uma viagem de lazer para fazer algumas entrevistas que estão presentes no trabalho. Porém, acrescentei no orçamento as corridas de táxi (essas realmente não teria feito se não tivesse conseguido as entrevistas na viagem).

5.1 Equipamentos que já possuía antes da produção do trabalho

DESCRIÇÃO	PREÇO APROXIMADO	ORIGEM
Notebook LG S460	R\$ 1.500	Recursos próprios
Celular iPhone 5S	R\$ 800	Recursos próprios
TOTAL: R\$ 2.300,00		

5.2 Totalidade dos equipamentos utilizados para a produção do trabalho

DESCRIÇÃO	PREÇO APROXIMADO	ORIGEM
Notebook LG S460	R\$ 1.500	Recursos próprios
Celular iPhone 5S	R\$ 800	Recursos próprios
Transporte	R\$ 60	Recursos próprios
Impressão	R\$ 183	Recursos próprios
TOTAL: R\$ 2.543,00		

5.3 Valor total do trabalho

O valor cobrado pela produção do trabalho está de acordo com a Tabela de Freelas do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina³.

DESCRIÇÃO	PREÇO APROXIMADO	ORIGEM
Notebook LG S460	R\$ 1500	Recursos próprios
Celular iPhone 5S	R\$ 800	Recursos próprios
Transporte	R\$ 60	Recursos próprios
Impressão	R\$ 183	Recursos próprios
Produção de publicação (redação, edição, revisão do texto; projeto gráfico e diagramação de 36 páginas)	R\$ 3.900 (redação de 30.200 caracteres) R\$ 4.200 (edição) R\$ 1.540 (revisão) R\$ 2.800 (diagramação)	
TOTAL: R\$ 12.440,00		

³ Disponível em: <http://jornalistas.sjsc.org.br/tabela-de-freelas/>

6. DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Um tanto quanto ironicamente, a maior dificuldade que enfrentei durante a produção do trabalho foi o tempo. Gerir bem o tempo que eu tinha disponível para me dedicar ao trabalho: no início, parecia ter muito; quando a coisa começou a apertar, faltava tempo para ler tudo o que eu queria, para entrevistar todas as pessoas previstas, para escrever o texto e o próprio relatório. Manter no cronograma, especialmente nos primeiros meses de trabalho, foi um dos maiores desafios. Pessoalmente, não gosto de trabalhar sob pressão, mas parece que é o único jeito que consigo fazer sair alguma coisa — então foi um bom aprendizado quando percebi que precisava escolher alguns dias para realmente focar e fazer o máximo que conseguia. O primeiro texto, por exemplo: o primeiro parágrafo me tomou uma semana; o resto, uma tarde. Este relatório, a mesma coisa.

Como já citado (mais vezes do que deveria) neste relatório, tive dificuldade em compreender bem o que estava fazendo. Por muito tempo, minha pauta ainda era bem abstrata para mim: eu sabia o que queria e onde queria chegar, mas os caminhos possíveis me eram muito nebulosos. A dificuldade em entender o tema e em abraçar um estilo de texto diferente me travaram por um tempo, mas os dias de enclausuramento em que disse a mim mesma “agora vai” foram muito importantes para me mostrar que, com o material que já havia coletado, era possível, sim, fazer muita coisa.

Foi também, de fato, um momento de surto nervoso quando meu computador decidiu que não ia mais funcionar. Em meados de setembro, a máquina pifou e não tinha jeito de conseguir conectar o carregador, o que me levou ao desespero total e completo, quer dizer, como eu ia escrever? Como ia diagramar? Minha única ferramenta de trabalho, não tinha jeito de ficar sem ela. Foi uma correria, assistência técnica, meu pai enviando uma fonte nova pelo correio, eu fazendo tudo o que podia para tentar salvar meu notebook. Mas ele, assim como eu, só precisava de um descanso: dois dias depois, decidi tentar ligá-lo novamente e, desde então, vem funcionando direitinho. Um susto necessário para me fazer acordar para a vida e começar a trabalhar de uma vez por todas.

Falando em trabalhar... enquanto escrevo este relatório, cinco dos sete amigos que cito nos agradecimentos estão curtindo o feriado na praia. Essa também é uma dificuldade: ter que abdicar de alguns momentos de lazer para se dedicar ao trabalho. Um bom *flash forward* para o que vem por aí. Mas sei que vai valer a pena, afinal, consigo olhar para o que virou meu trabalho e dizer que estou, com certeza, muito feliz com o resultado.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. Livro XI *in* **Confissões**. São Paulo: Apostolado da Imprensa, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

BAUDELAIRE, Charles. **Fleurs du mal**. 1861. Disponível em <http://fleursdumal.org/poem/220>>. Acesso em 30 de julho de 2017.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante. 2000.

EL PAÍS. “**Quer calar a boca?**”: a importância de desfrutar de duas horas de silêncio por dia. 2016. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/07/ciencia/1473259838_168902.html>. Acesso em 25 de outubro de 2017.

EL PAÍS. **El tiempo se nos va de las manos**. 2017. Disponível em http://elpais.com/elpais/2017/05/05/ciencia/1493985563_657372.html>. Acesso em 08 de maio de 2017.

FISCHER, Luís Augusto. **Inteligência com dor**: Nelson Rodrigues ensaísta. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2009.

HALL, Edward Twitchell. **A dimensão oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem**. São Paulo: Ática, 1989.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna** - Formas elementares da pós-modernidade. São Paulo: Forense Universitária, 2012.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamento, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas. 2008.

MÜLLER, Ruth. **A Culture of Speed**: Anticipation, Acceleration and Individualization in Academic Science. LSE Impact Blog. London School of Economics and Political Science. 2015. Disponível em <http://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2016/05/11/a-culture-of-speed-anticipation-acceleration-and-individualization-in-academic-science/>>. Acesso em 13 de novembro de 2017.

NADOLNY, Sten. **The discovery of slowness**. Edinburgh: Canongate, 2003.

NASH, Stephen E. **The long count**. 2016. Disponível em
<<https://upcolorado.com/about-us/blog/item/3141-the-long-count-stephen-e-nash-on-time>>.
Acesso em 18 de setembro de 2017.

NAUTILUS. **Why your brain hates slowpokes**. Disponível em
<<http://nautil.us/issue/22/slow/why-your-brain-hates-slowpokes>>. Acesso em 20 de abril 2017.

OLINTO, Antônio. **Jornalismo e Literatura**. Porto Alegre: JÁ Editoras, 2009.

OLIVEIRA, Fernanda Volkerling de. **Hilda Hilst**: até a última letra. Florianópolis, julho de 2011. Disponível em
<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/121119/299339.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 28 de abril de 2017.

SANTOS, Daniella de Almeida, OLIVEIRA, Eliane Freire. **Os desafios do ensaio jornalístico na graduação**. 2011. Disponível em
<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/santos-daniela-oliveira-eliane-desafio-ensaio-jornalistico-graduacao.pdf>> Acesso em 07 de maio de 2017.

SANTOS, Milton. **O tempo nas cidades**. 2001. Disponível em
<<http://www.laboratoriourbano.ufba.br/arquivos/arquivo-71.pdf>>. Acesso em 02 de novembro de 2017.

SPODE, Elsbeth. **A Perspectiva do Tempo, a Partir da Obra “A Persistência da Memória” de Salvador Dalí, e sua Relação com o Trabalho e o Turismo**. 2012. Disponível em
<http://www.ucs.br/ucs/tplVSemintur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/gt03/arquivos/03/01_51_39_Spode>. Acesso em 07 de maio de 2017.

8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal**: ensaio sobre os fenômenos extremos. 11.ed. Campinas: Papirus, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008.

CONY, Carlos Heitor. Tempo de não ter tempo. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, p. 16-16. 04 maio 2007.

GOOGLE/IPSOS. **How micro-moments are changing the rules**. 2015. Disponível em <https://www.thinkwithgoogle.com/articles/how-micromoments-are-changing-rules.html>> Acesso em 06 de maio de 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos - O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. São Paulo: Forense Universitária, 2014.

_____. **A ordem das coisas**: pensar a pós-modernidade. São Paulo: Forense Universitária, 2016.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.

SANTAYANA, Mauro. **O homem e o tempo**. 2014. Disponível em <http://www.maurosantayana.com/2014/01/o-homem-e-o-tempo.html>>. Acesso em 05 de maio de 2017.

SERROTE: Uma revista de ensaios, ideias e literatura. São Paulo: Instituto Moreira Salles, v. 1, 2009.

SERROTE: Uma revista de ensaios, ideias e literatura. São Paulo: Instituto Moreira Salles, v. 2, 2009.

SILVA, Maria do Rosário Martins da. **O consumidor da geração “Y” - Entender para atender!**. 2015. Disponível em

<http://www.rhportal.com.br/artigos/rh.php?rh=O-CONSUMIDOR-DA-GERAcaoO-%93Y%94-%96-ENTENDER-PARA-ATENDER!&idc_cad=8l8yid9e7>. Acesso em 05 de maio de 2015.

SOLOMON, Michael. **O comportamento do consumidor** – Comprando, consumindo e sendo. Porto Alegre: Bookman, 2008.

